

A TRADIÇÃO DE JOSUÉ 14-15: Apontamentos Acerca da Partilha do Território de Judá

Samuel de Freitas Salgado¹

Resumo:

Nesta breve investigação acerca dos capítulos 14-15 do livro de Josué proporemos que ambos os capítulos consistem numa unidade literária cujo tema central é a partilha do território de Judá e na qual o historiador deuteronomista exerceu um influxo bastante modesto. Buscaremos pelos materiais que serviram de base para a formação dessa unidade literária bem como os propósitos do redator ao fazer uso deles em cada uma das pequenas subunidades contidas nos dois capítulos.

Palavras-chave: Bíblia, Josué, História Deuteronomista, Judá, Partilha, Sorte, Sefelá.

Abstract:

In this brief research about the chapters 14-15 of the book of Joshua we propose that both chapters consist of a literary unit whose central theme is the division of the territory of Judah and in which the Deuteronomistic Historian exerted an influence quite modest. We will search by material that served of basis to formation of its literary unit as well the purposes of editor to make use of them in each of the small subunits contained in two chapters.

Keywords: Bible, Joshua, Deuteronomistic History, Judah, Allocation, Lot, Shephelah.

¹ Mestre e doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

DELIMITAÇÃO E ESTRUTURA

Na Bíblia hebraica os livros de Josué até 2 Reis são chamados “profetas anteriores” em contraposição com os “profetas posteriores” ou literários, tais como, Isaías, Jeremias etc. Atualmente dá-se a esses livros o nome de Obra Historiográfica Deuteronomista, pois a história foi escrita segundo as idéias e as preocupações fundamentais do Deuterônomo.² Em sua origem, os dois primeiros livros desta grande obra, Josué e Juízes, eram simplesmente um único rolo. Neste rolo transparece três assuntos diferentes que nos remetem a três conjuntos literários distintos.³ O primeiro se encontra em Josué 1-12 em que o tema predominante é a conquista da terra como um dom de Javé. Storniolo afirma que as narrativas deste conjunto foram costuradas, formando um quadro uniforme da fase de ocupação da terra na parte da Cisjordânia. Trata-se de uma história maravilhosa mostrando que não fora a força do povo e, sim, a força de Javé que garantiu a conquista sobre os inimigos. O autor se interessava em mostrar que Javé fora fiel às suas promessas, entregando ao povo de Israel a terra que outrora havia prometido.⁴ O intuito destes capítulos não era apresentar um simples relato histórico dos acontecimentos que se deram no século XII a.C. Antes, numa linguagem deuteronomística dos séc. VII e VI a.C., atrelava estes acontecimentos aos propósitos libertadores de Israel e Judá, ocupados de modo “imperial” pelos assírios, e depois pelos babilônios, desde meados do século VIII até quase o final do século VI a.C. De fato, estes seriam os “cananeus” que Israel intentava derrotar.⁵

Um novo conjunto literário inicia em Josué 13 e segue até Juízes 2, tendo como tema central a partilha das terras tribais (Js 13-22), sendo basicamente listas geográficas que diferem em caráter da narrativa dos caps.1-12.⁶ Aqui o líder Josué que não é mais um combatente e, sim, um ancião (13,1) aparece primeiramente repartindo a terra como herança às tribos e depois recebendo seu pedaço de chão (19,49-50). Estes relatos carregam em seu bojo uma crítica do projeto deuteronomista messiânico ao sistema monárquico que conduziu Israel a bancarrota e ao conseqüente exílio. Enquanto o rei

² STORNILOLO, Ivo. *Como ler o livro de Josué: terra = vida dom de Deus e conquista do povo*. São Paulo, Paulus, 1992, p. 7.

³ SCHWANTES, Milton. Comentários introdutórios sobre Josué e Juízes: introdução ao texto bíblico, In: *Revista Caminhando*, São Bernardo, v.12, n.19, 2007, p.18.

⁴ STORNILOLO, Ivo. *Como ler o livro de Josué: terra = vida dom de Deus e conquista do povo*, p. 16.

⁵ SCHWANTES, Milton. Comentários introdutórios sobre Josué e Juízes: introdução ao texto bíblico, p.18.

⁶ GRAY, John. *Joshua, Judges and Ruth*. London, Oliphants, 1977, p. 22-23.

preocupara-se apenas com sua própria sucessão e a transmissão de direitos somente para sua própria família, Josué, o ancião, empenhava-se pelo direito de todo povo, as tribos de Israel.⁷

Esta seção apresenta diversas unidades, porém, mencionaremos superficialmente as que se encontram em contiguidade com as que serão alvo da nossa investigação (caps. 14-15). A unidade anterior, no cap. 13, além de apresentar um relatório acerca das localidades de Canaã que ainda não tinham sido conquistadas (vv.1-7) versa também sobre a partilha da Transjordânia para as tribos de Ruben, Gade e a meia tribo de Manassés (v.8-33), que já haviam sido anteriormente partilhadas por Moisés (Nm 32; Dt 3,12-17). Tanto a unidade posterior, caps. 16-19, quanto a unidade dos caps.14-15 fazem parte de um grande bloco que engloba os caps. 14-19, os quais tratam da divisão da Cisjordânia.⁸ A unidade apresentada nos caps. 16-17 descreve o território mais ao norte que foi sorteado aos filhos de José: Efraim (16,1-10), a meia tribo de Manassés (17,1-13), bem como o protesto destas tribos junto a Josué por mais terra e a concessão das montanhas do país para sua habitação (17,14-18).

Já os caps. 14-15 correspondem ao sul formando uma unidade cujo tema central é a partilha do território de Judá. Após uma breve introdução (vv.1-5) que denuncia que estamos diante de conjuntos literários próprios, há uma digressão sobre a solicitação de Hebrom por Calebe que é retirada de Deuteronômio 1,2-46. O tema Hebrom se sobressai tanto em 14,6-15 quanto em 15,13-19. Em 15,1-12 são apresentados os limites de Judá e em 15,20-63 suas “cidades-aldeias”.

O último conjunto literário se encontra em Juízes 3-21 e trata basicamente do assunto da libertação e da liberdade das tribos. Devido à brevidade de nosso estudo e pelo fato de que nosso texto se situar em outro conjunto, não entraremos em detalhes acerca deste conjunto literário.⁹

⁷ SCHWANTES, Milton. Comentários introdutórios sobre Josué e Juízes: introdução ao texto bíblico, p. 22.

⁸ SELLIN, Ernest. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo, Academia Cristã, 2007, p. 273.

⁹ Para obter uma visão acerca deste bloco veja SCHWANTES, Milton. Comentários introdutórios sobre Josué e Juízes: introdução ao texto bíblico

GÊNERO LITERÁRIO E LUGAR

A despeito de sua coerência de pensamento, a segunda seção do livro de Josué-Juízes apresenta fontes de épocas diversas. Na unidade dos caps. 14-15 o historiador deuteronomista exerceu um influxo bastante modesto. É possível perceber um influxo do redator deuteronomista (14.1-5) que vincula a partilha da terra ao ambiente cúltico pela menção do sacerdote Eleazar que parece assumir um papel superior ao de Josué.¹⁰ Também se identifica listas histórico-geográficas que são formas literárias que encerram inventários das posses territoriais das tribos de Israel.¹¹ São elas: aquelas que se concentram em limites de fronteiras tribais (15.1-12), e aquelas que listam as cidades que compõem as tribos (15.20-62). Estas listas não são reconstruções artificiais de um redator, se assim fosse, elas teriam sido adaptadas ao sistema das doze tribos admitidas pelo redator. Ao contrário, a omissão das fronteiras de Simeão, Dã e Issacar indicam que o redator estava usando material mais antigo condicionado por sua situação histórica. Além disso, a separação de Jerusalém (15.8) de suas terras cultiváveis é bastante inconcebível depois da monarquia hebraica e deve referir à resistência e queda eventual das cidades estado no tempo da infiltração e estabelecimento do povo hebreu em Canaã. A fonte das fronteiras tribais pode indicar fontes escritas que relatavam a memória da arbitragem em disputas tribais sobre água (cf. a questão das bacias superiores e inferiores entre Otoniel e Calebe), responsabilidade por crime, que era determinado pela proximidade do assentamento (cf. Dt 21,1-8), e reivindicações de terras canaanitas, que eram trazidas diante da assembléia tribal e seu Juiz oficial. Este pode ter sido o papel histórico de Josué, a verdadeira fonte de sua autoridade em todo Israel, que foi secundariamente desenvolvida pelo redator nos caps. 2-12 como sua liderança na guerra.¹²

Portanto, a lista de fronteiras era genuinamente antiga e possivelmente referia-se ao tempo em que as tribos já haviam consolidado a posse de Canaã, mas ainda não estavam unidas como aconteceria na monarquia. Portanto são antiquíssimas, anteriores a Saul e muito próximas do tempo da conquista.¹³ Já a lista das cidades que compõem as

¹⁰ CROCETTI, G. *Josué, Juízes e Rute*. São Paulo, Paulinas, 1985, p. 84.

¹¹ GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo, Paulus, 1988, p. 226.

¹² GRAY, John. *Joshua, Judges and Ruth*, p. 23-24.

¹³ CROCETTI, G. *Josué, Juízes e Rute*, p. 84.

tribos provavelmente pertencia a listas administrativas do período da monarquia, a partir do reino de Davi até o reino de Josias que tinham como finalidade de taxação como também o recrutamento de potencial humano para projetos de trabalho público e serviço militar.¹⁴

Por fim, a unidade 14-15 apresenta relatos de uma tradição etiológica (Js 14,6-15; 15,13-19) que remonta ao período pré-monárquico tendo o objetivo de justificar o estabelecimento independente e a incorporação a Judá dos quenezitas sob a liderança de Calebe e Otniel, relatos que surgem de tradições históricas de iniciativa independente como aparece no primeiro capítulo de Juízes.

CONTEÚDO

14.1-5. A introdução da partilha da terra a oeste do Jordão

Estes versículos abrem a seção que trata da partilha do território da Cisjordânia às nove tribos e meia que sobraram. São uma espécie de cabeçalho atribuído ao redator pelo fato de mencionar o sacerdote Eleazar filho de Arão (Ex 6,25) em primeiro lugar. Juntamente com Eleazar são mencionadas as figuras de Josué e dos *rosh* (cabeças, chefes, capitães)¹⁵ dos pais, os quais em Nm 34,17-19 são vistos como “príncipes”. Estes personagens reunidos em Guilgal repartem a terra (v.1). Há uma incongruência entre esta narrativa e a de Josué 18,1-10, a qual atribui somente a Josué a distribuição da terra para sete tribos na Cisjordânia. Em 14,5 também há uma incongruência narrativa que sugere uma forma da tradição na qual a distribuição da terra era determinada pelo povo em vez de Josué.¹⁶

O v.2 é a chave para esta seção: a concessão da terra seria partilhada por sorteio em nove partes e meia. O número, então, passa a ser explicado. O total do grupo compreende os doze filhos de Israel. Duas tribos e meia haviam recebido sua parte na Transjordânia (v.3), porém, à tribo de Levi não foi dado herança na terra “senão cidades em que habitassem e os seus arredores para seu gado e para sua possessão” (v.4). O número passa, então, a ser oito e meia. No entanto, José é representado pelos seus dois

¹⁴ GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*, p. 240

¹⁵ THOMAS, Robert L. *New American Standard Hebrew-Aramaic and Greek Dictionaries: Updated Edition*. Anaheim, Foundation Publications, 1998, H2717.

¹⁶ GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*, p. 227.

filhos compensando a ausência de Levi. Assim, o resultado dos participantes da partilha na Cisjordânia seria de nove tribos e meia.¹⁷

Já na partilha por sorteio existe uma contradição difícil de harmonizar. Embora Números 26,53-56 apresente uma divisão por sorteio existe uma ênfase na divisão em proporção da importância numérica de cada grupo. Aqui a divisão da terra por sorteio parece uma simplificação para um evento complexo e basta apenas um olhar sobre as tradições de Calebe na passagem seguinte e em Juízes 1 para perceber este fato.¹⁸

No entanto, a partilha por sorteio dos lotes, nos quais as tribos já estavam de fato instaladas ou que ainda tinham que conquistar, seria a expressão do domínio soberano de Javé sobre a terra. Ele havia prometido a terra aos pais (Gn 12,7; 13,15; 15,18; 26,4; Ex 32,13; Dt 1,35-36) e efetivamente a conquistou e a deu a seu povo Israel por sorteio. É provável que esse sorteio entre as tribos fosse apenas uma extensão ideal a todo o povo do que realmente havia sucedido no plano do clã e da família. No sistema nômade, os pastos e as fontes de água eram propriedade comum às tribos.¹⁹ Quando a tribo se tornou sedentária, o mesmo regime fora aplicado às terras de cultivo. A palavra *goral* originalmente “pedra”, designa ao mesmo tempo a “sorte” que era lançada e o “lote” que era assim designado. Esta palavra alterna com *nahalah* “herança”. Tal possessão continha com frequência o tûmulo da família, ademais, era limitada por marcos que a lei proibiu severamente remover e nela o camponês estava ligado à parcela que havia recebido de seus pais. Ao mencionar a partilha “por sorte da sua herança”, o redator tinha em mente o ideal social de que toda família teria sua terra e desfrutaria dela pacificamente, cada um viveria “debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira” (1Rs 5,5; Mq 4,4; Zc 3,10).²⁰ Ao relatar a partilha por sorteio, o redator utiliza deste dispositivo narrativo para apontar um antigo projeto, diferente da monarquia, o qual asseguraria a equidade e a justiça na distribuição e na posse da terra. A terra seria de todos os membros do grupo familiar, isto é, uma posse comunitária.

¹⁷ DOZEMAN, Thomas B. (ed.). *The New Interpreter's Bible, volume 2: Numbers, Deuteronomy, Introduction to Narrative literature, Joshua, Judges*. Nashville, Abingdon Press, 1998, p. 667.

¹⁸ SOGGIN, Alberto. *Joshua: a commentary*. Philadelphia, The Westminster Press, 1972, p. 169-170.

¹⁹ CARDOSO, Ciro Flamarion S., *Modo de produção asiático: nova visita a um velho conceito*, Rio de Janeiro, Campus, 1990, p. 6-7.

²⁰ VAUX, R. De. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo, Teológica, 2003, p. 200-201.

14,6-15,63. Terra para Judá

Entre as tribos, Judá tinha a precedência na partilha por ser a primeira a receber a sua terra e por ter seu território completamente delineado. Judá teve a prioridade entre as tribos porque no período da redação da obra todas as tribos e a cidade de Jerusalém haviam sido destruídas, exceto a tribo de Judá que fora o berço da História deuteronomista. Na ausência das outras tribos, Judá assumiu a primazia entre as tribos de Israel no projeto do redator deuteronomista.

14,6-15. O território de Calebe

Aqui temos uma tradição etiológica explicando como Hebrom, centro da Grande Judá, com sua íntima associação com os patriarcas hebreus e com Davi, deveria ser “a herança de Calebe o filho de Jefoné o quenezita até o dia de hoje” (v.14). Era uma tentativa de explicar porque os quenezitas ocupavam a região de Judá no tempo do redator. Desde seus tempos tribais, Judá se expandiu. Formou uma grande Judá, provavelmente porque as pessoas que ali residiam percebiam a vantagem de formar um conjunto social mais amplo. A razão era econômica, porquanto em Judá havia uma região semidesértica ou até desértica, o deserto de Judá (no oriente), e em contrapartida uma região muito fértil, a Sefelá (no ocidente, na subida da montanha). Na região mais deserta, a produção era voltada à criação de ovelhas. Na Sefelá também se poderia criar ovelhas, mas a terra era usada principalmente para a produção de cereal e de frutas. Portanto, existia uma interdependência entre estas duas regiões. Uns precisavam dos outros. Esta era a base econômica da grande Judá, o acordo, a interajuda entre pastores e agricultores. O centro desta grande Judá era Hebrom que se situava entre estas duas regiões. Aí se fazia a troca. Era como um mercado.²¹ Sendo assim, era uma região importante para Judá, no entanto, não pertencia a esta tribo e, sim, aos quenezitas. Por isso, esta narrativa procura integrá-los à tribo de Judá por meio de um acordo.

Em Juízes 10, Hebrom foi conquistada por Judá e Simeão que derrotou os três chefes anaquins. Estes três chefes foram também mencionados em Josué 15,14, mas aqui eles foram derrotados por Calebe. Em Nm 13,6; 34,19, Calebe fora o representante de Judá e em outras passagens foi incorporado a Judá. Mas aqui, e nos textos antigos de Nm 32,12; Jz 1,13, ele aparece como um quenezita. A menção a Calebe como um

²¹ SCHWANTES, Milton. *Breve História de Israel*. São Leopoldo, Oikos, 2008, p. 30-31.

quenezita não foi por acaso. Este povo era associado em parte aos hebreus (1Cr 4,13) e também aos edomitas (Gn 36,11-42). Por conseguinte, há um aspecto apologético na narrativa etiológica. Por um lado, o quenezita foi investido com seu título por Josué no santuário central da confederação israelita em Guilgal. Por outro, a atribuição da mesma bravura de Calebe a Judá (Jz 1,10-11; Js 15,14-15) satisfaz a ortodoxia e o orgulho israelita. Este é motivo para o redator incluir o incidente aqui. A tradição da conquista de Hebrom por Calebe estava associada à exploração de Canaã (Nm 13), que pode ser uma estória de herói quenezita, para enfatizar que a herança da terra prometida envolvia responsabilidade e mérito. Pela fé inabalável e coragem Calebe se tornou merecedor da terra e pelas mesmas virtudes sob a economia divina ela seria preservada.²²

Alguns pontos evidenciam a independência da tradição de Calebe. Nesta narrativa, Hebrom e Debir ainda não tinham sido capturadas e assim contradiz a antiga conquista de Hebrom e Debir (10,36-39; 12,10,13). Esta inconsistência, intensificada por 11,21-22, onde é dado a Josué todo o crédito pela derrota dos anaquins, não pode ser resolvida. Tal como o relato da fé de Calebe, esta narrativa (Js 14,6-15) deriva de uma tradição antiga das façanhas de Calebe, que tem o mesmo propósito das narrativas encontradas em Josué 2,7-8. A expressão de Josué 14 no final do v. 15 “e a terra repousou da guerra” é surpreendente uma vez que não há relato de batalha e parece contradizer a frase de 11,23. Além disso, uma leitura mais atenta desse relato (Js 14,6-15) não parece evidenciar a Josué como um dos espias mencionados no livro de Números 13-14.²³

15.1-12 Limites de Judá

As quatro fronteiras de Judá são descritas na ordem do sul, leste, norte e oeste. Judá está limitada em suas três extremidades por fatores naturais (depressões, deserto e mar) e consiste da porção sul da antiga Canaã. A fronteira sul vai da margem de Edom na Arábia a partir do oeste do mar morto até o Mediterrâneo, na extremidade do deserto do Sinai a sudeste de Gaza (15,1-4). A fronteira oriental era o Mar Morto (15,5a). A fronteira norte saía da foz do Jordão, no fim do mar morto à oeste, em direção ao Mediterrâneo em Jabneel, moderna Yahve ao sul de Tel Aviv (15,5b-11). Esta

²² GRAY, John. *Joshua, Judges and Ruth*, p. 108-109.

²³ DOZEMAN, Thomas B. (ed.). *The New Interpreter's Bible, volume 2: Numbers, Deuteronomy, Introduction to Narrative literature, Joshua, Judges*, p. 674.

fronteira nas montanhas de Judá fazia limite com Benjamin e a planície fazia limite a Dã, sendo assim, esta fronteira separava Judá do resto de Israel. Consequentemente, ela é descrita com mais detalhes do que qualquer outra e concorda quase inteiramente com a fronteira sul de Benjamin (18,15-19). A breve descrição de Dã não inclui lista de fronteira (19,41-46). A fronteira oeste é o mar Mediterrâneo.²⁴ Portanto, esta lista remonta o período pré-monárquico e apresenta apenas os contornos do território de Judá. As tribos tornaram-se a moldura para consolidar áreas e populações, anteriormente cananeias e filisteias, dentro do território israelita. As fronteiras, que outrora haviam existido entre tribos, meramente como pontos onde as pessoas de uma tribo habitavam contíguas às pessoas de outra tribo, tornaram-se, no período monárquico, designadores políticos para demarcar as divisões administrativas internas do aparelho estatal centralizado.²⁵ O redator utilizou-se desta mesma lista para propor um retorno ao objetivo inicial desta lista, ou seja, integrar áreas e populações que iriam fazer parte do novo projeto de retribalização proposto pelo redator deuteronomista.

15.13-19. Territórios de Calebe e Otniel

Aqui temos uma continuação do cap. 14,6-15, e inclui além de Calebe, Otniel que pertencia ao mesmo grupo étnico (v.17). Os dois clãs foram incorporados em Judá e por esta razão aparecem como membros desta tribo. O texto narra a tomada de Hebrom e Debir pelos quenezitas (cf. Jz 1.11-15,20). O episódio central conta como Otniel conquistou Debir, porém seu assunto principal é mais específico do que este. O propósito era responder a questão de como os quenezitas adquiriram o direito das duas fontes que eram as mais próximas fontes de água fresca de Hebrom.

15.20-63. Cidades de Judá

A lista das cidades de Judá é agrupada em quatro regiões físicas, o sul ou Neguebe (21a-32), as montanhas ou Sefelá (v.33-47), a zona das colinas (v.48-60), o deserto leste da bacia do mar morto e o baixo vale do Jordão (v.61-62) conforme os doze distritos fiscais do reino de Judá, que provavelmente refletia uma divisão regional no período de Salomão com um último ajuste em Josafá e em Josias.²⁶ Nesta lista de

²⁴ DOZEMAN, Thomas B. (ed.). *The New Interpreter's Bible, volume 2: Numbers, Deuteronomy, Introduction to Narrative literature, Joshua, Judges*, p. 667.

²⁵ GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*, p. 240.

²⁶ GRAY, John. *Joshua, Judges and Ruth*, p. 110

idades transparecia o interesse da administração monárquica pela localização precisa de cada cidade. Em sua origem ela servia como instrumento de coerção e arrecadação de impostos, recrutamento e fiscalização dos reis sobre a população que vivia nestes distritos. Porém, nas mãos do redator deuteronomista depois do declínio da monarquia judaíta, teria uma função inversa, serviria como um instrumento promotor da retribalização de Judá. Através dela, cada israelita poderia saber onde estava localizada sua herança, o pedaço de terra no qual tinha direito de plantar e colher, e onde se encontravam sepultados seus antepassados. Dessa forma, os costumes tribais preservavam viva a memória de que a todos deveriam ter garantido o acesso à sua terra e a uma vida mais digna.²⁷

CONCLUSÃO

Portanto, o redator deuteronomista faz uso da tradição antiga em seus relatos tanto para fornecer uma explicação para a realidade que vivia quanto para criticar o sistema monárquico que conduziu Israel ao desastre e também propor um projeto de restauração para Judá após a falência e declínio de Jerusalém. Um projeto baseado numa retribalização em que Javé como o soberano doador da terra a partilharia ao seu povo a fim de que as famílias camponesas israelitas outrora oprimidas pudessem desfrutar da terra em fraternidade e justiça.

²⁷ SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e Esperança no Exílio-História e teologia do povo de Deus no século VI a. C.* São Leopoldo, Oikos, 2007, p. 33.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Ciro Flamarion S., *Modo de produção asiático: nova visita a um velho conceito*, Rio de Janeiro, Campus, 1990.

CROCETTI, G. *Josué, Juízes e Rute*. São Paulo, Paulinas, 1985.

DOZEMAN, Thomas B. (ed.). *The New Interpreter's Bible, volume 2: Numbers, Deuteronomy, Introduction to Narrative literature, Joshua, Judges*. Nashville, Abingdon Press, 1998.

GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo, Paulus, 1988.

GRAY, John. *Joshua, Judges and Ruth*. London, Oliphants, 1977.

SCHWANTES, Milton. *Breve História de Israel*. São Leopoldo, Oikos, 2008.

SCHWANTES, Milton. Comentários introdutórios sobre Josué e Juízes: introdução ao texto bíblico, in: *Revista Caminhando*, São Bernardo, v.12, n.19, 2007.

SELLIN, Ernest. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo, Academia Cristã, 2007.

SOGGIN, Alberto. *Joshua: a commentary*. Philadelphia, The Westminster Press, 1972.

STORNIOLO, Ivo. *Como ler o livro de Josué: terra=vida dom de Deus e conquista do povo*. São Paulo, Paulus, 1992.

THOMAS, Robert L. *New American Standard Hebrew-Aramaic and Greek Dictionaries: Updated Edition*. Anaheim, Foundation Publications, 1998

VAUX, R. De. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo, Teológica, 2003.